

RELATO TÉCNICO

ARTESANATO IDENTITÁRIO: PRESERVAÇÃO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Carolina Biberg Maia
cbiberg@gmail.com

RESUMO:

Em maio de 2023 a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Profissional e a Secretaria de Cultura do Estado do RS lançaram em conjunto programa de fomento ao artesanato e a economia criativa gaúcha. Ao todo, foram foco da iniciativa 24 regiões, dos 497 municípios do Estado, com ação focal nas cidades focais de cada região. Atualmente, talvez um dos principais desafios dos governos sejam os sombreamentos de políticas realizadas, no RS, há um estímulo da gestão em aperfeiçoar ações e recursos evitando assim o desperdício de dinheiro público bem como tempo, entre outros. Na programação numa união de esforços eram previstas a qualificação e o fomento do artesanato gaúcho, composta por capacitação para o design territorial e marketing digital, além disso, levando a oferta de programas oferecidos pelo Estado como o programa RS CRIATIVO, MAIS GESTÃO, editais e linhas de crédito. Ao todo foram capacitados mais de 1000 artesãos e percorridos mais de 12000 km.

Palavras-chave: artesanato; capacitação; desenvolvimento local; economia criativa; políticas públicas;

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS): Trabalho decente e crescimento econômico, Cidades e comunidades sustentáveis, Erradicação da pobreza.

1 INTRODUÇÃO

A Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) planeja, coordena e executa os programas públicos do Rio Grande do Sul para o desenvolvimento das atividades culturais. Isso inclui a identificação, aprimoramento e promoção de potencialidades, em cooperação com a administração e o conjunto da sociedade civil organizada de cada município, assim como com outras entidades governamentais e privadas da União. O objetivo final desse conjunto de ações é a difusão e valorização da cultura gaúcha, a inclusão social e o aumento da qualidade de vida no Estado.

A Sedac também promove a interação e o intercâmbio com entidades públicas e privadas nacionais e internacionais. Através de seu braço, RS CRIATIVO, programa de fomento a economia criativa. O RS Criativo é um programa estratégico de governo, operado pela Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul. Criado e atualizado pelos Decretos nº 50.975/2013 e 54894/2019, busca promover o desenvolvimento e o fortalecimento da economia criativa do Rio Grande do Sul. Contempla os princípios de criatividade, diversidade cultural, sustentabilidade e inclusão social para a promoção e o fomento dos setores e territórios criativos, gerando, assim, emprego e renda. Além disso, é uma iniciativa intersetorial, que articula ações com as demais secretarias estaduais. O programa atua por meio de cinco eixos: Observatório - Pesquisa e Informação (sistematização de informações, indicadores e pesquisas); Mercado e Circulação (ações de promoção e inserção do RS nos circuitos internacionais para aumentar a competitividade e abrir novos mercados para a economia criativa, organização de projetos de cooperação e atração de investimentos internacionais); Territórios Criativos (disseminação das cadeias produtivas da economia criativa em todo o RS, diálogo e apoio a ações e iniciativas já existentes no território); Promoção e Investimento (identificação de distintas fontes de financiamento para os setores da economia criativa, formulação de políticas de captação de recursos junto ao setor privado e instituições multilaterais); e Capacitação e Residência (capacitação permanente de novos empreendedores da economia criativa com a oferta de cursos, consultorias, residências e encontros setoriais).

O programa Artesão em Foco é um programa regional voltado aos que atuam no artesanato, desenvolvidos no intuito de aprimorar as técnicas artesanais, proporcionando também noções básicas sobre marketing digital, design territorial, curadoria e avaliação de produtos. Com o Artesão em Foco, a Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Profissional e a Sedac em 2023 tinham como principal objetivo motivar os artesãos sobre a importância de suas produções e da identidade que elas trazem quanto à cultura local, em um processo de valorização e fortalecimento do artesanato como fonte de economia solidária. Ao todo foram realizadas 24 edições do seminário, totalizando a capacitação de mais de mil artesãos de diversas regiões do Estado. As regiões contempladas foram: Caxias do Sul, Sarandi, Santiago, Porto Alegre, Taquara, Ijuí, Dom Pedrito, Esteio, Campo Bom, São Borja, Cruz Alta, Caçapava do Sul, Carazinho, Guaporé, Arroio Grande, Erechim, Venâncio Aires, Camaquã, Constantina, Capão da Canoa, Portão, Três Passos e Sananduva.

Outra iniciativa importante do governo é o Programa Gaúcho de Artesanato (PGA), alinhado ao Programa Artesanato Brasileiro (PAB) tem por missão incentivar a profissionalização dos trabalhadores que produzem artesanato e fomentar a atividade artesanal com políticas de reconhecimento, apoio à comercialização, formação, qualificação e orientação ao artesão. Busca também a qualidade do produto artesanal e a abertura de espaços para a comercialização da produção artesanal. O Programa faz o cadastramento do artesão, fornecendo-lhe a Carteira do Artesão, que lhe dará o reconhecimento como profissional autônomo, possibilitando-lhe contribuir para a Previdência Social e emitir notas fiscais de suas vendas, com a isenção do ICMS, obter declaração de rendimentos, participar de exposições, feiras e eventos no Brasil e no exterior.

2 DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO-PROBLEMA

O Estado do Rio Grande do Sul é composto por 497 municípios e possui um bioma único, o pampa gaúcho, que influencia os saberes e fazeres nos territórios. O governo do RS entende seu papel no sentido de sensibilizar, capacitar, fomentar e potencializar essa

rica diversidade e pluralidade do fazer artesanal. A produção artesanal gaúcha é composta por objetos históricos que remontam a colonização do território e peças contemporâneas em variadas técnicas e matérias primas como madeira, fibras, madeira, couro, fios entre outros,

O artesanato é a expressão da cultura e a identidade de um povo, promove o desenvolvimento social, econômico impactando os territórios e suas comunidades. Cada produto artesanal traz impresso a sua origem, matérias-primas e técnicas, sendo capaz de traduzir a sua identidade regional. E os produtos artesanais reforçam sentimentos de pertencimento a identidades regionais. Assim, o artesanato de outras regiões do país não é como o produzido no Rio Grande do Sul. E mesmo dentro do estado há variações: o que se faz nos pampas, talvez não se faça no litoral, nas missões ou na serra; os descendentes de alemães, italianos, poloneses cultivam técnicas diferentes das encontradas entre populações indígenas ou quilombolas. O saber-fazer, as mãos habilidosas e a destreza em manipular matérias-primas, não raro, se transmitem de geração a geração e garantem a multiplicidade na riqueza dos produtos.

Segundo (Cássia, 2018), pesquisadora que realizou o primeiro mapeamento documentado do artesanato no Estado: Garimpo das Artes Artesanais RS – Saberes e Fazeres "O artesanato gaúcho está concentrado no meio rural", e afirma ainda "Seja com indígenas, com quilombolas e com os agricultores familiares, o artesanato resgata a cultura da nossa colonização”.

Porém, cabe destacar os desafios a serem enfrentados, ainda que o artesanato do gaúcho seja rico e reconhecido padece assim como demais regiões do Brasil, com muitas dificuldades e carências. A partir dessa circulação das Secretarias foi possível ver in loco os desafios dos gestores, dos artesãos e das comunidades como um todo. Com relação à gestão pública municipal e estadual podemos elencar a falta de equipe, falta de qualificação, dispersão e sobreamentos das políticas para o artesanato, questões políticas partidárias, falta de recursos, planejamento e visão em longo prazo. Com relação aos artesãos é possível identificar que a grande maioria sofre de uma falta de percepção sobre o artesanato como trabalho, a falta de visão e mentalidade empreendedora, e de suas

potencialidades. Cabe ressaltar ainda, talvez a situação mais gritante vivenciada durante as capacitações: a falta de criatividade e inovação, os mesmos produtos são encontrados nos diferentes municípios do Estado e talvez do Brasil, cópias de revistas e de produtos de cursos oferecidos em larga escala que só repetem padrões, grande presença de produtos com peças ou quase todo de materiais *made in china*, e é possível identificar a discriminação seja de raça, religião ou outros em relação a questões culturais, sendo assim um artesanato sem representatividade e sem identidade cultural.

Cabe ainda destacar ainda um agravante da situação, que diz respeito ao governo e demais entidades educativas, que é a falta de qualidade técnica dos cursos oferecidos em grande parte dos municípios e pelo Estado, perpetuando fórmulas e cursos que vão à contramão do que identificamos como fundamental para o artesanato qualificado que é a sua criação a partir de questões culturais e identitárias. É quando um produto carrega em si um valor simbólico sendo considerado e percebido como um “pedacinho” do seu local de origem.

Estas características são de extremo valor para o comércio no turismo em geral, pois os visitantes sempre querem levar algo que lembre aquele local, o artesanato tem este poder. Para (Brandão, 2012) artesanato é uma atividade que traduz a cultura de um povo por meio dos sentidos e das teias de significados que o constituem, guardando estreita relação com a tradição, o modo de vida e a identidade do local em que é produzido.

3 INTERVENÇÃO PROPOSTA E DESENVOLVIDA

Sendo assim, mesmo investindo e avançando com políticas públicas importantes para o artesanato e atuando a partir de duas Secretarias em transversalidade, as dificuldades ainda são grandes e carecem de atenção do poder público, precisam de planejamento e continuidade, e ainda, da participação das pessoas, pois política pública se faz por e para as pessoas.

A mudança de comportamento é fundamental em todo âmbito da cadeia produtiva artesanal, pois gera impactos positivos como geração de renda, resgate cultural, aumento da autoestima, e ainda desenvolve o turismo e os territórios. “Produtos artesanais são

aqueles confeccionados por artesãos, seja totalmente a mão, com o uso de ferramentas ou até mesmo por meios mecânicos, desde que a contribuição direta manual do artesão permaneça como o componente mais substancial do produto acabado. Essas peças são produzidas sem restrição em termos de quantidade e com o uso de matérias primas de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas do ponto de vista social.” UNESCO, 1997. Assim para além de fomentar e potencializar, qualificar e fortalecer o artesanato gaúcho é objetivo das diversas instancias participantes promover e divulgar o artesanato como expressão da diversidade cultural brasileira e estimular o uso de inovações tecnológicas e de técnicas de sustentabilidade ambiental em sua produção.

Sendo assim, o programa Artesão em Foco é uma ação que parte da cocriação de produtos artesanais a partir da lente do design e que aborda temas fundamentais para o artesanato “identitário”, tais como exímia técnica, construção de sentidos, história, cultura, identidade, planejamento em longo prazo e ainda transformar todos esses componentes em diálogo com o mercado, comunicando para o seu público, envolvendo sua comunidade. O museu presente no território deve ser envolvido, os historiadores, os moradores mais antigos. A comunidade em si, pois o artesanato nada mais é que contar nossa história a partir das mãos, da arte do fazer manual.

O Seminário era composto de dois momentos, no primeiro dia de trabalho realizávamos uma apresentação sobre as políticas públicas de ambas as Secretarias, o programa RS CRIATIVO, seus cursos, editais, palestras, oportunidades. Os gestores da Secretaria do Trabalho estavam focados em seus programas abordavam o programa MAIS GESTÃO e oportunidades políticas públicas importantes para a comunidade artesanal. Após isso, as duas profissionais, a Coordenadora do RS CRIATIVO e uma contratada assumiam a responsabilidade e o comando do Seminário trabalhando efetivamente os conteúdos para aperfeiçoamento do artesanato e do empreendedorismo. Carolina Biberg, coordenadora do RS CRIATIVO, era responsável pela abordagem relacionada à mentalidade empreendedora, empreendedorismo criativo e comunicação

para negócios criativos, abordando marca, branding, materiais gráficos, redes sociais. Já a designer Fernanda Sklovsky cabia à abordagem sobre criação de produtos artesanais com identidade cultural, adequados para o mercado contemporâneo e com foco na geração de renda. Cada artesão participante produzia no mínimo um produto durante o seminário para finalizarmos o encontro com a exposição de uma coleção regional. Em um curto espaço de tempo e com uma metodologia adaptada o desafio era, em dois dias, que cada artesão criasse um produto para compor a coleção daquele território visitado. Ao final de cada seminário era realizada uma curadoria para composição de uma coleção de produtos artesanais identitários contemporâneos representativos daquele território. Os encontros ainda abordavam ainda questões como ponto de venda, precificação e melhor exposição de produtos.

Sendo assim, o Design e o empreendedorismo dão visibilidade e promover os territórios além de ajudar na complexa tarefa de mediar produção e consumo, tradição e inovação, qualidades locais e relações globais. Valorização de identidade e produtos locais. É também uma forma de usar o Design como ferramenta de valorização cultural através do produto, garantindo que o mesmo tenha uma identidade, valor agregado percebido de pertencimento e origem de um território específico.

4 RESULTADOS ALCANÇADOS

A promoção de negócios criativos, no caso aqui o artesanato tem resultados importantes para o desenvolvimento local não só economicamente falando, mas socialmente e ambientalmente. O Rio Grande do Sul tem no artesanato importantes iniciativas com matérias primas diversificadas e características do pampa, e que se não forem protegidas e salvaguardas correm sérios riscos de extinção como é o caso dos cobertores mostardeiros, tradição na cidade de Mostardas/RS, seu modo de fazer foi declarado patrimônio cultural imaterial da cidade, ou ainda, o artesanato em palha de butiá, também declarado patrimônio cultural imaterial da cidade de Torres/RS. Na ocasião em Torres, o diretor do Instituto do Patrimônio e Artístico do (IPHAe) destacou

o compromisso do Rio Grande do Sul com o patrimônio histórico e cultural gaúcho. “Com esse ato, o Estado se compromete com a salvaguarda de um conjunto de saberes e técnicas que atravessam gerações, tramando identidades em artesanania de alma”, ressaltou (Savoldi, 2022). “Tal como o trançar com a palha de butiá, o ato de salvaguardar, de garantir a continuidade desse bem cultural, é construído com diálogo, paciência, esforço e diferentes tipos de investimento.” Cabe ressaltar, que quando um bem se torna patrimônio cultural significa que ele tem relevância artística, histórica e social para ser perpetuado. No caso de bens materiais, como conjuntos arquitetônicos, jardins e obras de arte, ocorre o tombamento. Quando se trata de bens de natureza imaterial, tem-se o registro. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênica, plástica, musical ou lúdica; e nos lugares, como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. Porém, destacamos que mesmo com esses esforços públicos para a preservação através dessas chancelas bem patrimônio a ser preservado não são o bastante, são apenas o início de um caminho que precisa olhar para o todo com planejamento, planos de ação e principalmente, participação das comunidades beneficiárias.

São muitos os desafios a serem enfrentados. A demora e burocratização, desinformação, a falta de técnicos, a falta de planos de atuação junto a essas iniciativas, a gestão compartilhada entre duas secretarias que atuam como o mesmo tema o Artesanato, e que muitas vezes sombreiam atividades ou mesmo tem planos inviáveis ou inexistentes para necessidades que são urgentes. A inexistência ou demora nas ações põe em xeque o patrimônio de uma nação, quando um artesão deixa de fazer o artesanato, morre, por exemplo, aquela técnica se perde, aquele saber também morre, e foram muitas as histórias que ouvidos a respeito durante a nossa peregrinação pelo RS. É possível afirmar que o programa Artesão em foco é medida fundamental que contribui para essa preservação e fomento do artesanato no Estado, tendo em vista seu foco na identidade e na comunicação dela, mas novamente vale destacar que necessitamos de novas ações e

de continuidade, mostrando assim para os artesãos e para a comunidade em geral a importância cultural, social e econômica dos saberes e fazeres gaúchos.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE IMPACTOS E IMPLICAÇÕES GERENCIAIS

São muitas as abordagens que apontam a aproximação entre artesanato e trabalhos manuais diversos sem grande especialização e também as porosas fronteiras entre artesanato, arte popular e design.

A Lei no 13.180, de 22 de outubro de 2015, publicada no DOU em 23 de outubro de 2015, na qual a profissão do artesão era definida como: “A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto” (BRASIL, 2015). Essa definição estabelecida predominou até a publicação da portaria de número 1.007-SEI. A nova definição buscou caracterizar a profissão do artesão vinculando-a ao conceito de artesanato apresentado acima, especificando mais o seu sentido e distinguindo-a de outras atividades manuais, não artesanais, como podemos ver a seguir: “Artesão é toda pessoa física que, de forma individual ou coletiva, faz uso de uma ou mais técnicas no exercício de um ofício predominantemente manual, por meio do domínio integral de processos e técnicas, transformando matéria-prima em produto acabado que expresse identidades culturais brasileiras” (BRASIL, 2018).

No dia 1º de agosto de 2018, foi publicada no Diário oficial da União (DOU) a portaria de número 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018, que teve o objetivo de instaurar o Programa do artesanato brasileiro (PAB), criar a Comissão Nacional do Artesanato e estabelecer a base conceitual do artesanato brasileiro (BRASIL, 2018). Nela, o artesanato é definido no artigo 19 como: “artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade” (BRASIL, 2018).

Ainda segundo da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados a profissão do artesão evidencia a dificuldade de uma definição mais precisa a partir das mudanças de concepção cultural em relação a essa produção: expressão do gênio inventivo do artesão, capaz de criar um aspecto estético, com finalidade unicamente contemplativa, podia conviver perfeitamente com a utilidade do objeto, de acordo com a finalidade para a qual fora concebido, tais como cozinhar, sentar, dormir, carregar água, cobrir o corpo, alimentar etc.

Só mesmo com a revolução industrial é que o artístico e o utilitário seguiram caminhos diversos. Essa unidade ainda permanece na atividade artesanal e daí surge o desafio de conceituá-la. Este desafio aumenta quando o produto artesanal deve ser reinserido num ambiente de produção e comercialização típico de uma sociedade industrial, tentando se conciliar seu caráter próprio de expressão cultural e artística, com sua função de geração de emprego e renda. Já num termo de referência, formulado pelo Sebrae Nacional, apresenta a seguinte definição, obtida do Conselho Mundial de Artesanato (WCC AISBL), a partir de formulação do designer brasileiro Eduardo Barroso Neto no Seminário Internacional Design sem Fronteiras, realizado na Colômbia: Artesanato é toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados confeccionados manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

Já a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2012), como parte do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), no âmbito do então Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, também formula um entendimento: Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.

O documento estabelece diferenciações em relação a outras categorias, como arte popular, trabalhos manuais e produtos típicos e aponta o que não considera artesanato:

trabalho realizado a partir de simples montagem, com peças industrializadas e/ou produzidas por outras pessoas; lapidação de pedras preciosas; fabricação de sabonetes, perfumarias e sais de banho, com exceção daqueles produzidos com essências extraídas de folhas, flores, raízes, frutos e flora nacional; habilidades aprendidas através de revistas, livros, programas de TV, dentre outros, sem identidade cultural.

Nesse sentido da diferenciação, ações como artesão em foco e outras, tem justamente foco no artesanato identitário apoiado nas características regionais, na cultura merece ser mais bem explorado. O próprio Sebrae apresenta seu entendimento do potencial desse conceito na lógica de agregação de valor: Incorporar aspectos culturais um diferencial para agregar valor ao produto. Sua compra beneficia as comunidades, promove o desenvolvimento local e promove a geração de renda e a autoestima. E ainda, vale destacar, a conexão entre artesanato, turismo e alimentação que apresenta caminhos muito promissores para a agregação de valor. Para a coordenadora (Masson, 2021), do Artesol: “Não dá para ser excessivamente estático e preservacionista. A questão é como a tradição é feita; se vem de dentro para fora, é legítima. A narrativa é o que vende o artesanato. As artesãs, os artesãos contam suas histórias de vida por vezes muito difíceis. Não raro é o artesanato que lhes confere uma identidade, além de autonomia financeira”. Qualquer lógica de desenvolvimento do artesanato passa por uma articulação entre produção e mercado, levando em conta a realidade do artesão e as especificidades da cultura tradicional em que se insere. No exercício de sua atividade, o artesão enfrenta sérias dificuldades, do reconhecimento profissional à comercialização dos seus produtos e organização de seu processo de trabalho de modo geral. Foi este o diagnóstico que nos deparamos com esse programa e tem reflexos em todo o país.

No caso do RS, há espaço para a melhoria de produtos, sobretudo em seu acabamento, mas os gargalos identificados por ambas Secretarias se concentram na melhoria de processos (logística/distribuição), na lógica de agregação de valor (construção de narrativas em marcas, etiquetas e embalagens), na difusão de um diretório ou mapa integrado de localização dos artesãos e, mais que tudo, na ampliação dos canais de venda. A produção local enfrenta grandes problemas no seu escoamento, em parte pela

ausência de programas de valorização e multiplicação, mas principalmente pela falta de alternativas de comercialização, que hoje se restringe aos pontos de venda das prefeituras, às poucas feiras mencionadas e a vendas esparsas ao turista-explorador, que precisa buscar o artesão em localidades remotas, algumas de difícil acesso. Distribuição é um problema. O transporte público é precário, a maioria dos artesãos não possui veículo próprio e o frete pode ser mais caro do que o produto. Há muita deficiência de conectividade para pagamentos com cartão nos locais de trabalho dos artesãos, o que se agrava por muitos estarem em municípios desprovidos da maioria dos bancos comerciais e de banco 24h compartilhado. Esses gargalos incidem negativamente no fomento e na manutenção da atividade.

Assim, segundo (Lira, 2023): O artesanato sinaliza que a criatividade, a identidade cultural, a habilidade e a qualidade são expressões fundamentais da sua caracterização, discussão que se vincula aos processos ancestrais, identitários e sociais das diversas comunidades que produzem artesanato e, por meio dele, salvaguardam suas memórias; dos mestres artesãos que trazem consigo tecnologias sociais e técnicas próprias; da oralidade, principal ferramenta de transmissão do fazer artesanal; e, principalmente, de milhares de mulheres e homens que vivem (e sobrevivem) do trabalho artesanal. O caminho como já mencionado anteriormente é abordar o artesanato sob as dimensões da economia, do trabalho, da produção e da geração de valor neste momento de redefinições, com a finalidade de gerar reflexões sobre os caminhos e as circunstâncias desse setor.

E assim por fim podemos perguntar: como está sendo pensada a interação das tradições e dos legados do artesanato com o mundo pós-pandêmico e cada vez mais digital? Ou, diante de um mundo pautado em metaverso, inteligência artificial, inovação, como pensar o processo de desenvolvimento pautado na identidade e no artesanal? Como pensar as políticas públicas para o setor tão informalizado e ainda visto como um hobby? Tais indagações são urgentes, pois podem servir de mote para refletirmos sobre o mundo que queremos construir e o setor criativo podem ajudar o futuro do artesanato na economia criativa.

REFERÊNCIAS

- Civil, C. (2023). LEI COMPLEMENTAR Nº 123, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2006.
- BRASIL, T. R. D. T. D. Informativo de Legislação do TRT da 3ª Região n. 160 de 23 de outubro de 2015.
- Oliveira, A. C. G. S. (2021). Propriedade intelectual: indicação geográfica de artesanato no Brasil na perspectiva da portaria-SEI Nº 1.007/2018.
- AMARAL, R. C. D., FRANCO, P. A. I., & LIRA, A. L. G. (2020). Pesquisa de percepção dos impactos da COVID-19 nos setores cultural e criativo do Brasil. *Paris/Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO*.
- DA SILVA, F. I. L. I. P. E., & VALIATI, G. M. E. L. Relações entre a desindustrialização brasileira e a indústria criativa. *Memória e Pesquisa/Itaú Cultural*, 28.
- Goldstein, I. (2014). Arte, artesanato e arte popular: fronteiras movediças. *HIKIJ, Rose Satiko Gitirana; SILVA, Adriana de Oliveira. Bixiga em artes e ofícios. São Paulo: Edusp*, 223-257.
- de Miranda, D. S., Möller, G., Ruiz, K., Valiati, L., da Silva Lang, F., Rey, D. M., ... & Saron, E. (2023). *Revista Observatório 34: PIB da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas: abordagens teóricas e evidências empíricas*. Itaú Cultural.
- CANEDO, D. P., & PAIVA NETO, C. B. (2020). Pesquisa Impactos da Covid-19 na Economia Criativa: relatório final de pesquisa. *Observatório da Economia Criativa. Salvador: Santo Amaro: UFRB*.
- Oliveira, L. de CC (2018). *Garimpo Artes Artesanais RS Saberes & Fazeres*. PDF disponível em: Acesso em, 22.
- de Medeiros Brandão, P., da Silva, F. R. M., & Fischer, T. (2012). Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis. *Tourism & Management Studies*, 195-202.
- Savoldi, R. (2004). Estado oficializa o modo de fazer artesanato com a palha de butiá como patrimônio cultural imaterial do RS. Recuperado em 21 julho, 2024, de <https://www.estado.rs.gov.br/estado-oficializa-o-modo-de-fazer-artesanato-com-a-palha-de-buti%C3%A1-como-patrim%C3%B4nio-cultural-imaterial-do-rs#:~:text=O%20Sistema%20Cultural%20e%20Socioambiental,do%20Rio%20Grande%20do%20Sul.>